

DO MUNDO REIFICADO AO MUNDO DESFETICHIZADO: UMA ANÁLISE DO POEMA “O ELEFANTE”, DE DRUMMOND

Douglas Rodrigues De Sousa 1

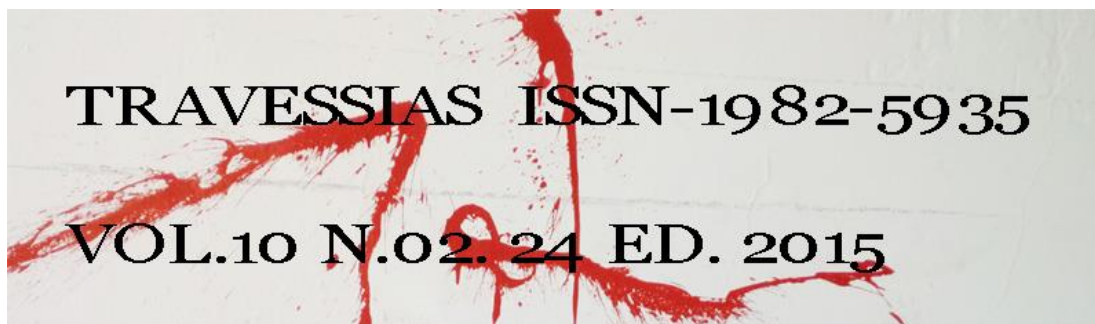
Resumo: Empreendemos, neste ensaio, uma breve leitura do poema “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade, do livro “A rosa do povo” (1945). Os aportes teóricos aqui utilizados partem de pressupostos do filósofo húngaro György Lukács (1885-1971). Nesse sentido, analisaremos como decorre o processo de fetichização e desfetichização a partir dos objetos estéticos. Partindo, portanto, da ideia de uma sociedade reificada, a arte tem um importante papel, uma tarefa, uma função desalienadora e capaz de transformar e libertar o homem. Essa é uma das possíveis vias que nos suscita a leitura do poema “O elefante”, visto que nele os valores humanos são postos à prova e assim se realiza um novo olhar sobre a vida, uma desfetichização dos valores e comportamentos reificados.

Palavras-chave: Reificação. Desfetichização. Arte. Lukács. Drummond

Abstract: This essay aims to undertake an analysis of the poem “O elefante” (The elephant), written by Carlos Drummond de Andrade and published in his book “A rosa do povo” (The people’s rose – 1945). The theoretical contributions used in this paper are based on the assumptions of the Hungarian philosopher György Lukács (1885 – 1971). Thereby, we’ll analyze how to succeed the process of fetishization and unfetishization from the aesthetic objects. Therefore, taking into account the idea of a commodified society, the art has an important disalienating role, task and function; as well as it is able to transform and make the man free. This possible bias lead us to the reading of the poem “O elefante”, because, in this text, the human values are tested and it is performed a new vision of the life, a unfetishization of the values and of the commodified behaviors.

Keywords: Commodification. Unfetishization. Art. Lukács. Drummond.

Atravessando milênios e sempre atingindo uma renovação na temática motivada pelos sujeitos e suas épocas, a arte poética é uma das mais antigas formas de expressão lírica da humanidade. De acordo com cada tempo, com as relações engendradas em cada sociedade, com as tramas de cada época, o fazer literário e o trabalho com a linguagem se constituíram sempre como algo novo e inesgotável. Nessa esteira, conforme Bastos (2012, p. 20) “tudo é linguagem, o



mundo sob a ação do poeta. A linguagem e o trabalho, para sermos mais verdadeiros. O que temos ao final é o trabalho do poeta, o trabalho de linguagem”. O fazer poético, portanto, configura-se como trabalho à medida que o poeta (artista) apropria-se das ferramentas e instrumentais necessários para tal composição.

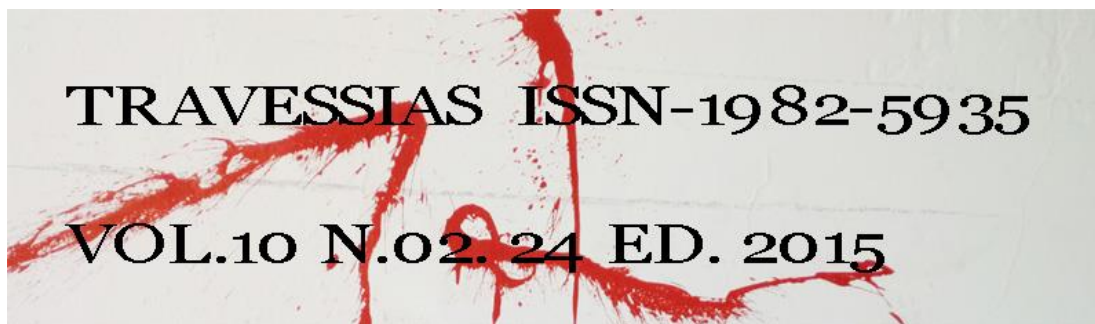
Para Konder (2005, p. 14) “a poesia tem trazido para os homens elementos sensíveis, preciosos para eles se conhecerem melhor, para um incessante descobrimento – e uma constante invenção - de si mesmos”. Dessa forma, a poesia, além de possuir um caráter de expressão artístico, da palavra manifestada na forma de arte, também, como sugere Konder, funciona como uma forma de descobrimento e de invenção de nós próprios. A partir desse descobrimento e invenção de nós próprios, a utilização da palavra revela-se mais que um simples objeto artístico ou de lirismo que venha a acalantar os ouvidos dos leitores; também como uma ferramenta de fazer político, e desvelamento da realidade, o que aqui chamamos de um compromisso estético, de uma desfetichização diante de uma sociedade reificada, utilizando-se de termos lukacsianos.

Com o atual modelo de sociedade capitalista, que finca suas bases nas condições dos meios de produção privada, cujo capital financeiro é o determinante para as relações sociais, e humanas, encontramos na arte o refúgio para a ressignificação dessas conexões, tornando-as mais suportáveis e menos condicionadas a essas leis do capital.

Por essas razões, nessa sociedade mediada pelos valores capitais, o trabalho reificado na forma de dinheiro (moeda) torna-se algo primeiro e mais importante, criando uma fetichização universal entre os indivíduos. Marx (1987, p. 84-85) explica que:

O caráter social da atividade, assim como a forma social do produto e a participação do indivíduo na produção, apresentam-se aqui como algo alienado, coisificado frente aos indivíduos, não como sua condição de relacionamento recíproco, mas sim como sua subordinação a relações que subsistem independentemente deles e nascem do choque dos indivíduos reciprocamente indiferentes. [...] No valor de troca o vínculo social entre as pessoas se transforma em relação social entre coisas, a capacidade pessoal em uma capacidade das coisas.

Na sociedade capitalista, a coisificação das relações humanas passa a ser a norteadora dos seus indivíduos, tornando-os igualmente matéria de troca como os bens capitais. Falamos, por



isso, do caráter fetichista gerado nessas relações do homem consigo mesmo, com seus semelhantes e com o mundo. Como bem elucida Lukács (1968, p. 23):

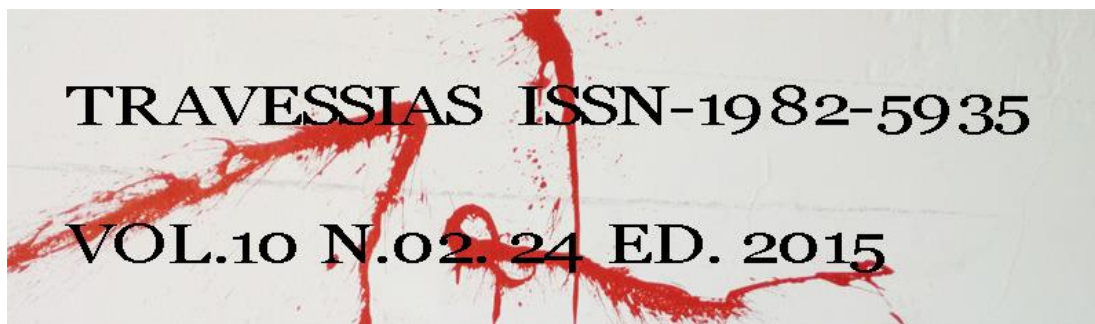
Nessa subversão das categorias fundamentais do ser humano reside a fetichização inevitável que ocorre na sociedade capitalista. Na consciência humana o mundo aparece completamente diverso daquilo que na realidade ele é: aparece alterado na sua própria estrutura, deformado nas suas efetivas conexões. Torna-se necessário um trabalho mental de tipo completamente particular para que o homem do capitalismo penetre nesta fetichização e descubra no interior das categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, preço, etc.) que determinam a vida cotidiana dos homens a verdadeira essência delas, de relações sociais, relações entre homens.

Na contramão dessa alienação decorrente da sociedade do capital, temos o trabalho da arte, da literatura, uma vez que “a arte contradiz, recusa a sociedade da mercadoria” (BASTOS, 2012b, p. 02). Desse modo, uma das formas de melhor libertar e apresentar aos sujeitos reificados novas possibilidades de entender esse mundo fetichizado se dá por meio da *autoconsciência* provocada pelos impactos da arte. Ainda, segundo Bastos (2012b, p. 02) “A obra é autoconsciência da sociedade porque revela a sociedade a si mesma, evidencia tudo aquilo que a sociedade procura ocultar. A literatura é reconhecimento, ou *anagnórisis*, ela mesma sendo uma espécie de sujeito”.

Nesse sentido, as obras literárias representam o trabalho humano, suas relações e suas teias geradoras, o reconhecimento de si mesmas, o despertar de consciências, aquilo que antes permanecia ou supostamente era mantido oculto.

Nessas circunstâncias, empreendemos uma leitura do poema *O Elefante*, do livro *A rosa do povo* (1945), do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade. Texto em que a construção literária, nos encaminha ao entendimento do fazer poético consubstanciado pela revelação de um mundo reificado e tornado opaco em suas relações, do “mundo enfatiado que já não crê em bichos e duvida das coisas” (ANDRADE, 2000, p. 105).

Logo nas primeiras linhas do poema, o poeta formula metaforicamente por meio do elefante fabricado de seus poucos recursos, o seu processo de criação, daquilo que lhe está às mãos, ao alcance, do fazer comparado a um fazer artesanal, cujos elementos manufaturados ilustram tais artifícios de construção:

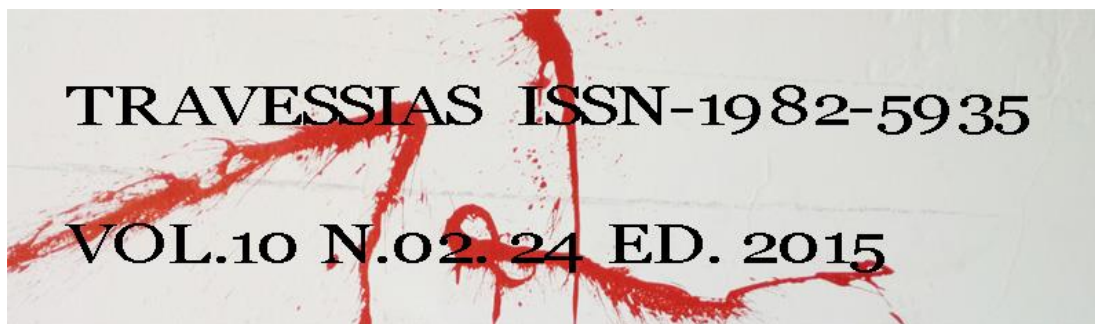


Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
(ANDRADE, 2000, p. 104)

Nessas condições, temos a personificação do trabalho humano, enviesado no trabalho poético do poeta-artesão, no qual elementos de construção simbólica, aliados com o trabalho manual, na missão de construir um elefante com “poucos recursos” vão sendo desafiados. O trabalho realizado pelo homem na sociedade do capital, como ferramenta de sustento e moeda de troca, é convertido numa metáfora do trabalho poético, que busca nas suas ações dar vida a um elefante costurado, frágil e pobre, por isso imponente, mas que desafia nascer em meio a um mundo desiludido e enfasiado, porque não dizer, fetichizado em suas relações. Ao construir seu elefante de objetos primários, artesanais, originários da construção de vários outros artefatos, a voz enunciativa que se expressa em “O elefante”, suscita um mundo pouco sofisticado e verdadeiro na sua essência, no qual os valores primários vigoram. Optar pela construção, mesmo que torta, desse elefante nada sofisticado, é abrir mão de muitos elementos reificados que a moderna sociedade oferece, e que poderiam/podem servir a construção desse objeto. Mas:

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfasiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
(ANDRADE, 2000. p. 105)

Assumir esse trabalho artístico de criar um artefato *gauche* é incorrer nos riscos de não ser visto ou mesmo aceito, uma vez que as relações humanas no mundo fetichizado tornam-se igualmente ferramentas de aceitação e acesso a ele mesmo, o mundo fetichizado, pois “os



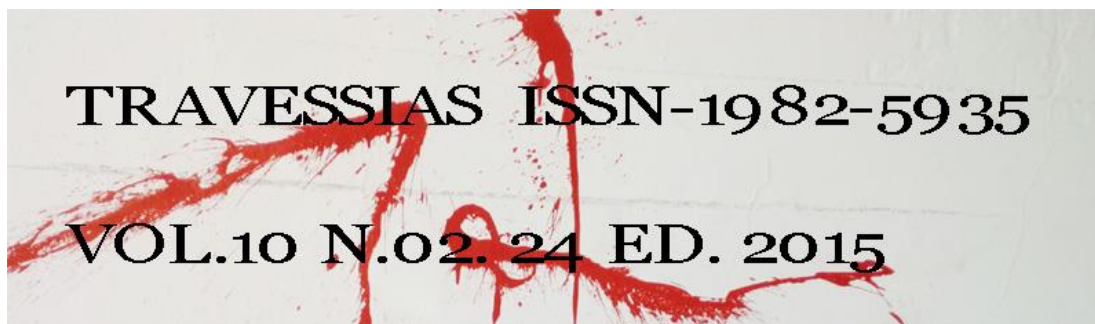
objetos, as coisas, na sua materialidade povoam o mundo-da-vida, são meios para a obtenção de alguma finalidade” (BASTOS, 2012, p. 92). Mesmo assim ousa, e segue o trabalho do poeta:

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.
(ANDRADE, 2000, p. 105)

Na atividade literária esses valores passam a ser ressignificados, transformados em outra matéria de valor, lutando contra as ações do mundo que valoriza o capital e estende suas redes de relações para as vias somente deste, que passa a gerir todas as ações humanas. A ação poética, nesse contexto, desestabiliza e confronta-se com o mundo emergido em valores reificados, criando assim novos sentidos. Nessa esfera, conforme Bastos (2012b, p. 03):

Muitas obras representam o trabalho humano, a exploração, a dominação do homem e da natureza, mas tudo isto passa a ser significativo quando visto na perspectiva do trabalho do próprio escritor, que é produtor de sentidos.

A simplicidade e a essência fazem parte do devir poético na construção d’*O elefante* “que os homens ignoram” ver, mas que é resultado do trabalho poético consciente do escritor, e, por isso, produtor de sentidos. De certo, o poema contextualiza o trabalho com a linguagem de modo a compor as partes desengonçadas e toscas que formam o objeto principal aqui descrito. A partir desse animal disforme, mas que ousa sair pelas ruas, o elefante que se forma manufaturadamente presta-se ao intuito de influir na conscientização dos leitores ou não. Sobre esta ação geradora da consciência pela arte, segundo Lukács (1968, 15), “a essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela própria consciência”. É a partir dessa essência dos valores estéticos das obras literárias que o homem desperta para a consciência de si, levando ao questionamento do mundo e das formas reificadas que o formam, para a desfeticização da vida, tão bem elaboradas no simples e esdrúxulo elefante drummondiano. E assim:

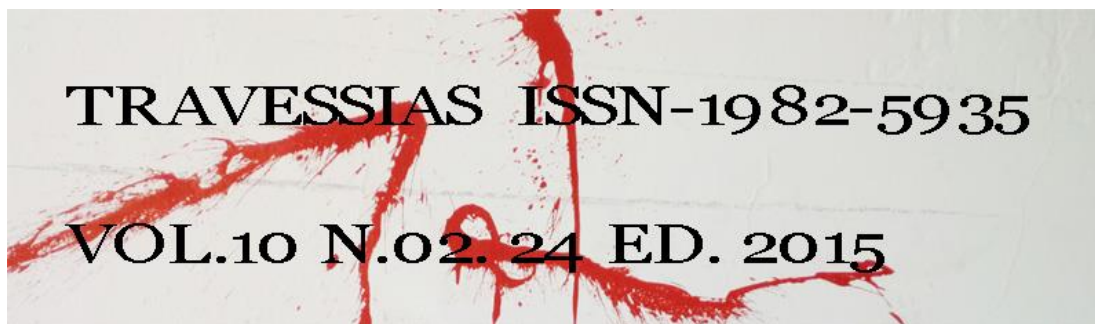


Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.
É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
(ANDRADE, 2000. p. 105-106)

Nessa esteira, os valores estéticos literários produzidos n’*O elefante*, de Carlos Drummond de Andrade, partem da elaboração de um simples elefante constituído de elementos comuns, mas capazes de questionar os valores humanos e realizar um trabalho de desfetichização de um mundo cada vez mais reificado. O poeta recria um novo universo, partindo de símbolos e dos seus “poucos recursos”, ressemantizados e recriados numa autêntica e desfetichizada poética, capazes de significar muito para os leitores, capazes de sublimar os valores estéticos. N’*O elefante* temos a capacidade da metaforização da vida comum transformada em linguagem poética, desveladora de significados, efeitos e sentidos da vida. Pois,

La obra del arte arranca a los fenómenos de la vida su brutal facticidad, su vacía causalidade, redondea em um todo el fragmento de realidade conformado y pone, como presupuesto de esa tendência, los fenómenos representados como componentes orgánicos uma conexão significativa (LUKÁCS, 1972, p. 443-444).

Esses fenômenos, apontados por Lukács, que circundam a obra de arte, são atingidos em “O elefante”. Disso resultam sua realidade e sua forma de lidar com a vida, e conseqüentemente

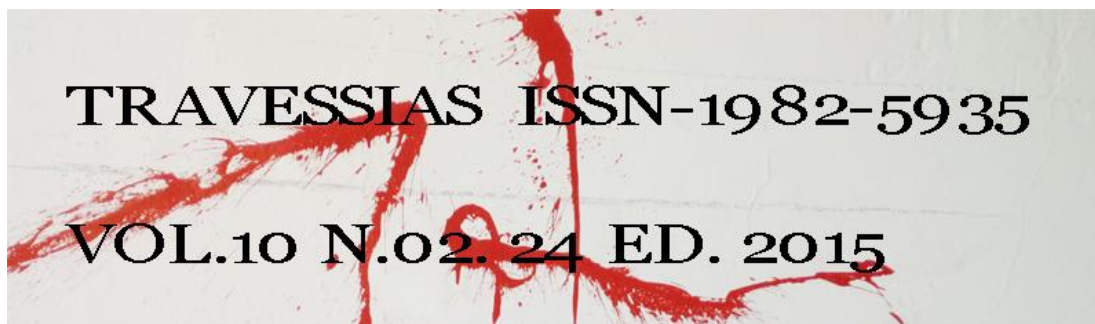


restaura as estruturas humanas e nos faz refletir sobre o mundo e nossa existência, nos faz tomar consciência do nosso tempo e da vida, a compreendermos as relações reificadas que se tornam cada vez mais presentes. “Isso corresponde exatamente à circunstância objetiva de que a obra de arte é um reflexo, mais intenso e concentrado, da própria vida” (LUKÁCS, 2010, p. 129). Eis que surge um elefante “e todo o seu conteúdo /de perdão, de carícia, / de pluma, de algodão, / jorra sobre o tapete, / qual mito desmontado” (ANDRANDE, 2000, p. 107).

E assim o elefante de Drummond nos ensina a fabricarmos novos sentidos, novos rumos, a nos impactarmos e questionarmos o mundo, também a compreendermos os processos de fetichização instalados pela ordem do capital e que atingem as ações humanas, a nos entristecermos com os olhos que não apreciam a beleza deselegante desse objeto costurado e colado, de andar torto e sem forma; mas também nos convida a olharmos para um mundo “onde há flores de pano/ e nuvens, alusões/ a um mundo mais poético/onde o amor reagrupa/as formas naturais” (ANDRADE, 2000, p. 105).

Como num exercício interminável nos montamos e remontamos diante de um mundo fetichizado todos os dias, colando pedaços daqui e dali, do que temos para nos constituirmos e assim nos fundarmos, existirmos, lutando contra as coerções e prisões que existem em nos limitar, cegar, e nos fetichizar a todos os instantes. Um mundo faminto:

Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,



pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.
(ANDRADE, 2000, p. 106)

A cada novo dia a poesia do poeta se renova e assumindo-se *gauche*, grande, pesada e disforme como um elefante, ressurgue sempre encorajadora e de conotações capazes de transformar o humano; apresentando um mundo “faminto de seres” e “enfasiado” que pouco se ousa mostrar. “Mas e a vida profunda das coisas? A poesia das coisas? A verdade poética dessas descrições?” (LUKÁCS, 2010, p. 173). Temos, pois, uma poética em que: “Amanhã recomeço” (ANDRADE, 2000, p. 107).

Referências:

ANDRADE, C. D. de. **A rosa do povo**. 21.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BASTOS, Hermenegildo. **As artes da ameaça**: ensaios sobre literatura e crise. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

BASTOS, Hermenegildo. **Literatura como trabalho e apropriação**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas, 2012b. Disponível em: <<http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/v1n1/v1n1-33-49.pdf>> Acesso em 12 de outubro de 2012.

KONDER, Leandro. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

LUKÁCS, Georg. Estética. **La peculiaridade de lo estético**. 2. Problemas de la mimesis. Barcelona: Grijalbo, 1972, v.2.

LUKÁCS, Georg. **Marxismo e teoria da literatura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, K.. **Elementos fundamentales para la crítica de la economía política** (grundrisse). 15. ed. México (DF): Siglo Veintiuno, 1987.



TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015